Grupo Socialista no
Parlamento Europeu

**Parlamento Europeu**
Rue Wiertz 60
B-1047 Bruxelles
T +32 2 284 2111
F +32 2 230 6664
www.socialistgroup.eu

# O Fracasso do Mercado Financeiro

## Tempo de reconstruir e de reformular, tempo de a política mostrar o seu valor

*Reunindo-se em Manchester, cidade que desempenhou um papel tão crucial quer no desenvolvimento do sistema capitalista, quer na emergência de uma classe operária organizada, faz todo o sentido, e reveste-se de grande simbolismo o facto de o Grupo PSE no Parlamento Europeu adoptar, hoje, um conjunto de princípios que deverão nortear as reformas de grande alcance de que o nosso sistema económico e financeiro necessita actualmente, após o fracasso catastrófico do capitalismo financeiro selvagem dos últimos anos. Os cinco princípios que adiante se apresentam têm por base a declaração adoptada em 5 de Novembro de 2008 pelos primeiros-ministros e líderes partidários socialistas e social-democratas europeus, sob a direcção do Presidente do PSE, Poul Nyrup Rasmussen.*

### 1. Os coletes salva-vidas não se destinam apenas aos banqueiros

- **Pois agora está bem patente aos olhos de todos**: por vezes o mercado é o problema, e o governo a solução.

- Há algumas semanas, o colapso espectacular dos nossos mercados financeiros levou a Europa e o mundo à beira da catástrofe económica. No derradeiro momento, uma intervenção coordenada por parte dos governos na Europa e no resto do mundo salvou o sector financeiro de uma derrocada total. Os nossos dirigentes têm agora de fazer o mesmo por nós.

- Estamos perante a crise económica mais profunda dos últimos 80 anos. E é no meio da crise que o valor das nossas instituições, o valor do governo democrático, o valor da Europa são postos à prova – estarão os nossos dirigentes à altura do desafio? Irão eles agir de forma concertada para salvaguardarem os empregos e a prosperidade? Se o conseguirem fazer, poderão construir não só uma recuperação económica, como também uma governação económica melhor e mais estável, uma democracia mais saudável e uma sociedade mais progressista.

- Numa situação em que os mercados falharam, só uma intervenção sólida e coordenada por parte dos governos poderá restaurar a confiança, encher os livros de encomendas e estimular a procura, quer por parte das empresas, quer dos consumidores. Os governos europeus deverão aumentar o investimento público, incentivar o empreendedorismo e favorecer a criação e o crescimento das PME. Quanto maior for o grau de coordenação dessas acções, mais eficazes elas serão.

- Para que tudo isso aconteça, há 4 passos essenciais que a UE pode dar rapidamente:

    1. Definir com rigor o grau de estímulo necessário, à escala europeia, com vista à criação de um enquadramento para as acções dos Estados-Membros – e insistir em que todos os Estados-Membros contribuam para o pacote de recuperação com base no que a situação orçamental de cada um o permitir.

2. Providenciar apoio aos Estados-Membros que estejam a atravessar dificuldades financeiras e cujas margens para actuarem sozinhos sejam muito limitadas. Fora da zona euro, alguns países viram a sua divisa ser alvo de ataques especulativos e foram obrigados a aumentar as taxas de juro num momento em que deveriam baixá-las. O euro salvaguardou os seus Estados-Membros de uma crise monetária, mas mesmo para alguns deles o custo do financiamento da dívida pública aumentou exponencialmente. A Europa tem um papel crucial a desempenhar na angariação e na canalização de capitais – por exemplo, através de títulos de dívida pública, de euro-obrigações ou de um aumento dos empréstimos do Banco Europeu de Investimento destinados às PME e ao investimento ecológico.

3. Utilizar os mecanismos estabelecidos na Europa – como o Relatório da Estratégia de Lisboa e as Orientações de Política Económica e de Emprego, cuja publicação está prevista para breve – para enviar uma mensagem clara sobre aquilo que é necessário. As prioridades têm de ser soluções que i) dêem resultados rápidos e ii) fortaleçam e modernizem a economia europeia.

4. Para obter resultados rápidos, há que solicitar aos Estados-Membros que direccionem a ajuda para quem mais precisar dela – designadamente, para as pequenas empresas e as famílias em situação vulnerável – um colete salva-vidas europeu para aqueles cuja situação comporta maiores riscos.

**2. Os bancos que ficaram com o nosso dinheiro têm a obrigação de apresentar resultados**

- Os governos não disponibilizaram milhares de milhões de euros do dinheiro dos contribuintes por amor aos bancos: fizeram-no porque, quando os bancos vão à falência, as empresas não conseguem obter o crédito de que necessitam, as pessoas não conseguem hipotecas, as empresas vão à falência, o valor das casas diminui, e há perda de empregos.

- Os bancos levaram o dinheiro, agora exigimos resultados:

  - há que recuperar rapidamente os níveis de concessão de empréstimos às famílias e às empresas, designadamente às PME; as práticas de concessão de crédito devem ser objecto de um controlo muito mais rigoroso através de um Provedor Financeiro, cuja tarefa será garantir que os dinheiros públicos sejam utilizados para o bem público, e não para o enriquecimento privado.

  - as descidas das taxas de juro têm de ser repercutidas rápida e integralmente.

  - fim dos mega-bónus ou dos pára-quedas dourados.

  - fim dos despedimentos forçados.

- Os governos devem deixar bem claro que estão dispostos a assumir os poderes adicionais que se revelarem necessários para garantir a protecção dos empregos, das empresas e das casas.

- Exigimos muito maior transparência por parte dos próprios governos relativamente ao modo como gerem o nosso dinheiro. Têm de definir com clareza e publicamente o que pretendem dos bancos no que diz respeito às políticas de concessão de crédito, à governação e às estruturas de remuneração, e quais as medidas que adoptarão para travar os especuladores financeiros.

**3. Está na hora de salvar o planeta**

- A recessão constitui o desafio mais imediato que o mundo enfrenta, mas o maior desafio dos próximos anos é, de longe, o das alterações climáticas. A nossa única esperança de evitar uma catástrofe ecológica reside numa mudança rápida para uma economia de baixas emissões e de baixo consumo de energia – mas, até aqui, a escala dos investimentos necessários tem sido desencorajante.

- Sabemos agora também que a economia europeia precisa de um enorme impulso ao investimento para ajudar a evitar uma recessão profunda e prolongada. Apelamos à criação de um Pacote Europeu de Investimentos Ecológicos – uma bala de prata que atinja ambos os objectivos.

- A Europa é líder mundial em sectores em que se verifica um crescimento rápido, tais como a eco-tecnologia, os produtos ecológicos e a tecnologia de produção de energia renovável. Os sociais-democratas europeus definiram um programa de acção que visa a criação de **10 milhões de novos empregos até 2020 através de um crescimento ecológico**. Porém, para atingir estes objectivos e cumprir os compromissos da Europa em matéria de alterações climáticas, serão necessários investimentos avultadíssimos**.** Apelamos aos dirigentes da Europa para que se mostrem à altura deste desafio, apresentando um pacote de investimentos ecológicos inteligentes e que coloque a Europa de novo a trabalha, e que nos aproxime da realização das nossas metas em matéria de clima e energia.

**4. Cooperação e solidariedade – mais do que nunca, são também do nosso interesse**

- Tal como sucede na Europa, também a nível mundial são os mais vulneráveis os mais afectados pela crise financeira. A OIT estima que 150 milhões de empregos irão desaparecer no mundo em desenvolvimento em consequência da crise do crédito no mundo rico. Capitais preciosos estão a desaparecer dos países menos desenvolvidos, porque as instituições financeiras procuram refúgios seguros para o seu dinheiro.

- A Europa orgulha-se com toda a razão de ser, de longe, o maior doador de ajuda à escala mundial. Contudo, não podemos esperar de forma alguma alcançar os Objectivos de Desenvolvimento do Milénio enquanto as regras em que os sistemas financeiro e comercial globais assentam não forem restabelecidas numa base mais estável e progressista.

- Além disso, enquanto os nossos parceiros comerciais estiverem em recessão, será difícil aos países europeus saírem da recessão. Para além do nosso compromisso moral relativamente aos ODM, precisamos de mercados fortes que comprem os bens e os serviços da Europa: aquilo que ajuda os países em desenvolvimento ajuda-nos a nós também.

- A lição da derrocada financeira é bem clara: uma acção coordenada europeia foi bem-sucedida onde os esforços nacionais tinham fracassado. Também na economia real, a acção coordenada – simultaneamente a nível europeu e a nível global – será muito mais poderosa do que as soluções de cariz meramente nacional. Juntamo-nos ao apelo no sentido de um novo Bretton Woods que crie uma nova governação financeira global, mais responsável, mais estável e mais justa.

- A curto prazo, o plano de recuperação do G20 deverá assegurar que o FMI, em conjunto com os bancos centrais e os governos do mundo desenvolvido e os fundos soberanos (SWF), ricos em liquidez, disponibilizem crédito suficiente aos países em

desenvolvimento e emergentes para combaterem a recessão. E a ronda de negociações de Doha tem de ser concluída rapidamente com êxito, e em termos que sejam favoráveis ao desenvolvimento.

**5. Economistas (e políticos), voltem à escola, por favor!**

- Em 2008, em apenas algumas semanas, o mundo da economia sofreu uma reviravolta. As ideias que tinham regido o mundo durante quase trinta anos, que tinham definido limites para aquilo que era politicamente possível, que tinham dominado o discurso político e económico, acabaram por se revelar falsas.
- De forma igualmente repentina, redescobriram-se antigas verdades, há muito banidas das correntes principais do pensamento político. Sem uma regulação forte e uma supervisão estatal, os mercados – sobretudo os mercados financeiros – são intrinsecamente instáveis. O governo tem de ser o garante supremo, quer da solidez do sector financeiro, quer do nível da actividade económica.
- A gestão da procura voltou a ser uma responsabilidade fulcral do governo. E agora que os instrumentos monetários estão em baixo de forma, o instrumento anti-recessão mais poderoso é a política orçamental.
- Também aprendemos dolorosamente os perigos do crescimento desenfreado do sector financeiro, impulsionado por uma inovação financeira imparável à procura de soluções cada vez mais complexas e alicerçadas no mercado para fazer face aos riscos – como a volatilidade das taxas de câmbio – que, anteriormente, eram da responsabilidade do governo.
- Sempre que um modelo económico reinante fracassa, operam-se mudanças profundas na forma como a economia é ensinada e no modo como somos governados:
    - a Grande Depressão dos anos 30 levou a três décadas de "capitalismo providência" keynesiano;
    - a estagflação dos anos 70 conduziu à contra-revolução monetarista que nos tem governado desde então.
- Agora, o fracasso da filosofia de idolatria do mercado e da ganância dos últimos 30 anos tem de conduzir a um auto-exame profundo, quer por parte dos economistas, quer dos políticos. Os economistas precisam de redescobrir uma visão mais alargada do modo como a sua profissão pode contribuir para a construção de uma sociedade melhor. E os políticos têm de aprender a pensar longa e aprofundadamente antes de delegarem as suas responsabilidades nos poderes mágicos do mercado.

Manchester, 12 de Novembro de 2008